

ENTREVISTA COM DANIEL MARTINESCHEN

INTERVIEW WITH DANIEL MARTINESCHEN



Entrevistado por:

Mary Anne Warken SOBOTTKA
Doutora
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/7707356833300677>
<http://orcid.org/0000-0003-4448-525X>
warkenespanholufsc@gmail.com

Suiá KELLER
Mestranda
Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Programa de Pós-Graduação em Literatura
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
<https://lattes.cnpq.br/2407108006166935>
<https://orcid.org/0009-0006-9202-7033>
kellersuia@gmail.com

Resumo: Daniel Martineschen nasceu em Curitiba, Paraná. É tradutor e professor do curso de Alemão na UFSC. Venceu o Jabuti 2021 de melhor tradução com os versos de o *Divã Ocidento-Oriental* (2020), de Johann Wolfgang von Goethe. Além de Goethe, traduziu também obras de Aleida Assmann, Sabine Richebächer, Jörn Rüsen, Anna Seghers, Detlev Claussen, Gerd Kohlhepp, Mathias Konzett, M. Huber, Christian Russau, K. Matzler, Friedrich Kittler, Detlev Holz (Walter Benjamin) e Sylk Schneider. Esta entrevista é um diálogo sobre tradução, dividida em duas partes. Primeiramente, trata de temas relacionados à tradução em diversos casos, como em Goethe, onde ele afirma na obra *Divã Ocidento-Oriental* a existência de três tipos de tradução. Discorre ainda sobre a colocação de Walter Benjamin referente à sobrevida do texto através da tradução. Ademais, são partilhadas experiências sobre a tradução colaborativa. A segunda parte aborda alguns aspectos que se relacionam ao paratexto de *Effi Briest*. Por fim, Martineschen fecha a entrevista com recomendações para aspirantes a tradutores.
Palavras-chave: Tradução. *Divã Ocidento-Oriental*. *Effi Briest*. Entrevista.

Abstract: Daniel Martineschen was born in Curitiba, Paraná. He is a translator and Professor of the German course at UFSC. He won the 2021 Jabuti Award for Best Translation with the verses of West-Eastern Divan (2020) by Johann Wolfgang von Goethe. In addition to Goethe, he has also translated works by Aleida Assmann, Sabine Richebächer, Jörn Rüsen, Anna Seghers, Detlev Claussen, Gerd Kohlhepp, Mathias Konzett, M. Huber, Christian Russau, K. Matzler, Friedrich Kittler, Detlev Holz (Walter Benjamin), and Sylk Schneider. This interview is a dialogue about translation, divided into two parts. The first part addresses themes related to translation in various cases, such as Goethe, where he asserts in West-Eastern Divan the existence of three types of translation. He also discusses Walter Benjamin's statement regarding the afterlife of the text through translation. Furthermore, experiences with collaborative translation are shared. The second part addresses some aspects related to the paratext of *Effi Briest*. Finally, Martineschen concludes the interview with recommendations for aspiring translators.

Keywords: Translation. *Divã Ocidento-Oriental*. *Effi Briest*. Interview.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Esta entrevista apresenta diálogo com o professor e tradutor Daniel Martineschenⁱ, tradutor juramentado para o alemão, com diversas traduções em sua trajetória, incluindo obras de autores renomados como Aleida Assmann, Sabine Richebächer, Anna Seghers (1900-1983), Friedrich Kittler (1943-2011), J.W. Goethe (1749-1832), Detlev Holz (Pseudônimo de Walter Benjamin), entre outros. Na vasta tapeçaria das linguagens e das culturas, a tradução pode ser vista metaforicamente como a Quetzal Serpenteⁱⁱ descrita no livro *Popol Vuh* “Quanto à Quetzal Serpente (*Quq Kumatz ou Quetzalcoat*), nós a encontramos aqui em sua forma primitiva, um resplandecente pássaro-réptil, encarregado da força evolucionária ascendente que se manifestará” (Brotherston, 2018, p. 19). Proveniente da mitologia mesoamericana, é uma figura dual que conecta mundos. Assim como a Quetzal Serpente é uma fusão entre a serpente e o pássaro, a tradução poderia ser pensada como um entrelaçar de significados e nuances. A tradução é entremeada por enganos e desencantos, e, em meio a deslizos e acertos, de uma importância salutar para a observância da disseminação de obras, que por meio de traduções alçam voo. Dadas as devidas limitações e possibilidades, as traduções são parte importante na expansão do conhecimento. É com esse espírito de transpor as barreiras linguísticas que iniciamos a entrevista com o tradutor Daniel Martineschen. Primeiramente, serão respondidas perguntas de cunho mais abrangente e, em um segundo momento, abordaremos alguns aspectos relacionados ao paratexto da obra *Effi Briest*.

Parte I

1. *Goethe discorre sobre tradução nas Notas e Ensaios para Melhor Compreensão do Divã Ocidento-Oriental. O trecho Traduções, foi inclusive traduzido anteriormente por Rosvitha Friesen Blume na antologia bilíngue Clássicos das Teorias da Tradução, organizada por Werner Heidermann. Goethe afirma haver três tipos de traduções, sendo a primeira o estrangeiro mostrado de acordo com os costumes do local de recepção da obra, a segunda “exige para cada fruto estrangeiro um substituto que tenha crescido em seu próprio solo” (Goethe, 2020, p. 404) e a terceira, “de modo que um não deva existir em vez do outro, e sim no lugar do outro” (Goethe, 2020, p. 405). Que impacto as diferentes abordagens de tradução descritas por Goethe podem ter na leitura de obras literárias entre diferentes culturas e idiomas?*

Penso que os três tipos de tradução propostos por Goethe podem ser entendidos como diferentes fases do processo de apropriação/aproximação de uma obra estrangeira. São diferentes momentos com diferentes graus de proximidade e estranhamento, que inclusive

podem ser simultâneos, pois cada tipo de tradução serve a um propósito. Por exemplo, a tradução “simples-prosaica” se destina à compreensão do conteúdo e, digamos, à “história” contada no texto, sem tanto cuidado a questões formais. Essa forma pode conviver com traduções mais elaboradas que às vezes sacrificam a compreensão, pelo menos a compreensão mais imediata, em prol de um efeito estético mais leal ao texto de partida. Só que o terceiro tipo talvez seja difícil de ver de fato, pois é carregado de algum idealismo no sentido de ser a tradução “definitiva” — o que sabemos que não existe, pois as traduções envelhecem, as línguas mudam, as culturas se transformam, e portanto exigem-se sempre novas traduções de tempos em tempos.

2. *No fragmento I, traduzido por Rosvitha Blume e retirado da obra Dichtung und Wahrheit, Goethe aconselha que o tradutor deve iniciar-se na tradução pelo gênero da prosa, sendo a poesia nobre e podendo ter seu teor e profundidade facilmente destruídos (Goethe, 2010, p. 29). Mesmo depois de mais de um século, ela continua sendo um gênero complexo. Nas palavras de Hannah Arendt: “os poetas são para se citar, não para se falar” (Arendt, 2008, p. 227). Como desmistificar a aridez incrustada no campo da tradução no que se refere ao gênero lírico?*

Creio que não dá para desmistificar muito isso, pois lírica dá trabalho traduzir, assim como dá trabalho LER lírica. Mas ela não é impossível, então eu discordo de quem diz que poesia não se traduz. Costumo brincar que a tradução do *Divã* foi em certa medida “fácil”, mas não quero dizer que os poemas ali sejam simples ou desprovidos de elaboração e dificuldades (de leitura, de tradução, de compreensão etc.), mas que ao traduzir o *Divã* consegui encontrar uma forma de jogar, brincar com os poemas, a partir do entendimento de que Goethe também estava jogando e brincando com seus poemas, experimentando formas, deleitando-se com efeitos, imagens, trocadilhos, sonoridades. Na hora que a gente entende o jogo dos poemas e encontra uma forma de criar um jogo novo, a tradução acontece.

3. *Comente o que destacaria do projeto de tradução para o livro Divã Ocident-Oriental de J.W. Goethe, prestigiado pelo Prêmio Jabuti (2021).*

O mais importante para mim foi ter o tempo necessário (4 anos de doutorado) para pesquisar e entender as várias camadas que compõem o *Divã*, e assim propor uma tradução que seguisse, de maneira o mais consistente possível, um projeto de tradução com o horizonte de

trazer o jogo estético do *Divã* ao português brasileiro. E, claro, o objetivo de traduzir integralmente o livro, sem fazer cortes ou supressões.

4. *Como as tecnologias apoiam os seus projetos de tradução?*

Bem, é inevitável trabalhar com o computador, mas faço muito uso de ferramentas de compartilhamento com controle de versão de documentos (ex. Google Docs), ferramentas CAT para traduções técnicas e não-literárias (ex. OmegaT). E há 25 anos sou um usuário convicto de GNU/Linux e software livre. Me orgulho de não ter Windows instalado em meu computador há uns 10 anos, e consigo realizar tudo apenas com ferramentas livres.

5. *Em algumas das suas traduções, observa-se o trabalho coletivo. Quais vicissitudes já foram superadas? Como ocorre a divisão de tarefas? Quais aprendizados se pode obter com esse tipo de colaboração?*

4 Ah, varia muito conforme o tipo de texto, a quantidade de pessoas e o comprometimento/empolgação da equipe. O que eu mais gosto nas traduções colaborativas é a horizontalidade das relações e das decisões sobre o texto, especialmente quando o texto é realmente compartilhado entre as pessoas que traduzem. Por exemplo, o catálogo da exposição sobre Thomas Bernhard (*Thomas Bernhard e seus seres vitais*, pela editora da UFPR) traduzi juntamente com a colega Ruth Bohunovsky, e traduzimos literalmente juntos: sentados frente a um mesmo computador, eu digitava o texto que íamos construindo juntos a partir das nossas leituras, ideias e pesquisas. No final, a responsabilidade é totalmente compartilhada, ninguém manda mais no texto do que o outro. Em outros projetos, como a coletânea *O artista do exagero: a literatura de Thomas Bernhard*, há vários capítulos escritos por diversos autores, e aí uma equipe grande pode trabalhar em paralelo, dividindo dúvidas e ideias na fase de interação entre as equipes. Sou um grande entusiasta da tradução colaborativa, que penso ser uma forma muito eficiente para viabilizar traduções e também uma maneira interessante de tradutores iniciantes entrarem nesse trabalho.

6. *A diversidade das suas traduções perpassa desde o gênero epistolar, a exemplo da tradução das 25 cartas organizadas e publicadas no jornal Frankfurter Zeitung entre 1931 e 1932 por Walter Benjamin e posteriormente reunidas e prefaciadas sob o título Gente Alemã – Uma Série de Cartas, até o gênero de viagem em Viagem de Goethe ao Brasil – Uma Jornada Imaginária de Sylk Schneider, culminando no ápice de reunir lírica e prosa em Divã Ocident-*

Oriental de Goethe. Como esses gêneros se aproximam na atividade de tradução? De que forma se complementam e se afastam?

Estes dois trabalhos mencionados são de gêneros textuais muito diferentes. As cartas de *Gente alemã* traziam uma dificuldade especial que é a de serem 27 vezes diferentes (25 cartas, mais uma adicional, e mais os textos de Benjamin) que precisavam de 27 dicções diferentes em português. Não adiantava criar um vocabulário e seguir, pois cada carta era diferente. Bem, pelo menos os comentários de Benjamin seguiam uma mesma dicção. Já o livro de Sylk Schneider congrega vários gêneros, como o texto científico, de divulgação, poesia e prosa literárias, cartas e outros, o que também trazia seu desafio. A lírica do *Divã*, como falei acima, tem a sua grande dificuldade por ser poesia metrificada e rimada, mas aí também residia sua acessibilidade, pois foi mais fácil decidir por uma correspondência entre a forma em alemão e a forma em português. Poesia em verso livre é mais complicada, pois o ritmo e as brincadeiras com metro e prosódia são de outra ordem.

7. *Quais estratégias você adota para a construção dos seus projetos de tradução ao deparar-se com ditados populares, aforismos e informações que talvez só um leitor conhecedor do idioma e cultura da obra a ser traduzida entenderia?*

5

Muitas vezes é possível encontrar traduções de ditados, aforismos ou citações, mas quando não existem, aí a gente precisa fazer uma pausa e pensar em como recriá-los em português — *transcriá-los*, diria Haroldo de Campos. E o processo é esse mesmo, pois o provérbio está ancorado em uma língua-cultura, e para traduzi-lo precisamos encontrar uma nova ancoragem, criar novos jogos de palavras e de imagens, criar novas brincadeiras. Falo várias vezes de brincadeiras aqui, mas o próprio Schiller dizia isso, que o “ser humano só é verdadeiramente humano quando brinca”, ele mesmo brincando com a polissemia do verbo alemão “spielen”, que significa jogar, brincar, representar (papéis), entre outros. E a literatura é um grande jogo, um grande “como se”, e quando a gente traduz, a gente precisa entrar nesse jogo. Que coisa boa quando é possível se divertir com o trabalho, não?

8. *Qual é seu ponto de vista em relação ao processo de tradução? Em que medida você concorda com a afirmação de Walter Benjamin em a Tarefa do Tradutor de que a tradução é um eco do original (Benjamin, 2010, p. 217)? Falando nisso, texto-fonte, texto de referência, ou original?*

Às vezes é difícil lidar com as propostas de Benjamin nesse texto, pois em muitos pontos é difícil até a compreensão. Gosto do que ele diz sobre a pervivência (Fortleben) da obra original, que é possível apenas porque existe tradução. Talvez possamos entender a tradução também como leitura, exegese, interpretação. Se uma obra não é lida, ela não existe, está morta. Pode até estar na imaginação, na memória, nos relatos das pessoas, mas é como uma lenda, algo que ninguém viu de fato mas que todo mundo conhece de ouvir falar. De certa forma é isso que aconteceu e ainda acontece com o *Divã* de Goethe. É muito citado, é reverenciado, mas pouco lido — mesmo em alemão. Então, meu projeto de tradução teve entre seus objetivos criar um espaço para essa pervivência do *Divã*, e aí eu me conecto um pouco com a reflexão de Benjamin.

9. *Quais são, do seu ponto de vista, as obras e textos indispensáveis e essenciais na formação de um tradutor?*

6 Todo(a) tradutor(a) precisa saber lidar muito bem com fontes de informação. Dicionários, gramáticas, glossários, obras explicativas sobre vários temas, são indispensáveis. Também não pode ser um analfabeto digital, no sentido de que precisa saber lidar com computador e recursos da Internet — inclusive máquinas de tradução e “inteligência artificial”. Quem traduz também não pode ter medo de pesquisar. Um professor meu dizia que o tradutor é um “nerd de trivia”, ou seja, alguém que gosta de saber sobre muitos assuntos. E em certo sentido é verdade, pois uma boa parte do trabalho de tradução envolve pesquisa para entender contextos, usos, ancoragens culturais — e isso não só em literatura, também em textos mais técnicos e “duros”.

Parte II

1. *Interessante salientar a importância do paratexto dentro de uma obra. Como tradutor e estudioso de Gotthard Erler, certamente há muito o que dizer sobre o posfácio da obra Effi Briest. Desde a sua primeira publicação na renomada revista literária Die Deutsche Rundschau, Effi Briest, a obra mais conhecida de Theodor Fontane, foi publicada primeiramente em partes, ao longo de três volumes, nos anos de 1894 e 1895. Essa obra conta com o posfácio de Gotthard Erler (1921-2003), renomado literato alemão, escritor e professor universitário especializado em História da Literatura Alemã Moderna na Universidade de Tübingen. Ele era conhecido por suas contribuições significativas para o estudo da literatura alemã dos séculos XIX e XX, com destaque para a obra de Theodor Fontane. O posfácio de*

Effi Briest de Theodor Fontane não foi originalmente escrito por Gotthard Erler, mas sim por Wilhelm Bölsche em 1896. No entanto, o posfácio de Erler, proveniente de uma edição de Effi Briest publicada em 1969, traz novas perspectivas e análises que enriquecem a compreensão da obra. O posfácio trata desde a inspiração do romance, baseado em uma história real, até dados mais específicos, como o processo de revisão do romance, feito pelo próprio Fontane. Depois de um período doente, o autor conseguiu recobrar a saúde e finalizar a correção da obra para publicação. De que forma dados como os fornecidos no presente posfácio enriquecem a compreensão do leitor em relação à obra? Como ocorreu o convite da editora para traduzir o posfácio, originalmente escrito pelo historiador alemão Gotthard Erler?

Na época eu já tinha contrato para publicação da tradução do *Divã*, então a editora tinha meus dados como colaborador e ofereceu a oportunidade desse serviço, que prontamente aceitei.

2. Qual é a relevância do posfácio escrito por Erler na interpretação da obra?

Todo posfácio traz uma chave de interpretação e informações adicionais ao(à) leitor(a) interessado(a) em ir além. O posfácio de Erler realiza muito bem essa tarefa, ainda mais de um autor — malgrado seu estatuto canônico em língua alemã — tão pouco traduzido e conhecido no Brasil.

7

3. A passagem “Effi vem”, mencionada no posfácio, foi a inspiração para o autor ao escrever o romance, e essa imagem ecoa ao longo de toda a obra, conferindo-lhe um significado profundo. Qual é a sua opinião sobre essa passagem do posfácio?

Como o posfácio traz uma chave de interpretação, ele tem que partir de algum ponto, ter um *Ansatzpunkt*, como diria Auerbach. No caso de Erler, é essa frase, vinda de uma situação real, que criou toda a trama e deu o motivo para Fontane escrever essa história de traição. Acho muito pertinente a análise feita por Erler — mesmo que eu pudesse não concordar. Posfácio não é explicação definitiva da obra, mas, como falei acima, é uma janela de acesso, que vai incluir algumas informações obrigatórias (como dados biográficos etc., se já não estiverem em outra seção) e algumas instigações adicionais.

4. *Nem todas as edições de Effi Briest incluem um posfácio. Na atualidade, o posfácio serve como forma de maior visibilidade do tradutor e dos processos de tradução?*

Sim, em geral quando o(a) tradutor(a) tem a oportunidade de escrever um posfácio, ali abre-se uma janela para a oficina de tradução, para além das questões biográficas, literárias, de recepção e gênese da obra, etc.

5. *Quais as suas recomendações para aqueles estudantes e aspirantes a tradutores de obras literárias?*

A principal recomendação é que não tenha medo de traduzir. Tente, experimente, aventure-se. Outra recomendação é: tente traduzir de tudo um pouco. Experimente prosa, poesia, texto fragmentário, manual de caminhão, verbete de Wikipédia, bula de remédio, etc. Como dizia minha mãe, aprender não ocupa espaço, e nunca se sabe quando um determinado saber vai ser útil na tradução de um texto. Por fim, aprenda mais línguas do que apenas a sua língua principal de trabalho. É valiosíssimo ter acesso a informações em outros idiomas, mas não apenas: conhecer outras estruturas linguísticas e outras literaturas nos ajuda a entender melhor a nossa língua mãe — e é nela que temos que navegar com destreza para traduzir textos.

8

REFERÊNCIAS

- Alvarez, M. L. O. (Org.). (2012). *Tendências Atuais na Pesquisa Descritiva e Aplicada em Fraseologia e Paremiologia*. (Anais, Vol. 1). Pontes Editores.
- Arendt, H. (2008). *Homens em tempos sombrios*. (D. Bottmann, Trans., C. Lafer, posfácio). Companhia das Letras.
- Benjamin, W. (2010). A tarefa do tradutor. In Heidermann, W. (Org.). *Clássicos da teoria da tradução* (2 ed., Vol. 1, pp. 203-231). UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução.
- Brotherston, G., Medeiros, S. (2018). *Popol Vuh* (2 ed). Iluminuras.
- Fontane, T. (2013). *Effi Briest*. (M. L. Frungillo, Trans.) Estação Liberdade.
- Goethe, J. W. V. (2020). *Divã ocidental-oriental / West-östlicher divan*. (D. Martineschen, Trans. & Posf.). Estação Liberdade.
- Holz, D. (2020). *Gente alemã: uma série de cartas = Deutsche menschen: eine folge von briefen*, 1936. (W. Benjamin, Comp., D. Martineschen, Trans., S. Scramim. Posf.). Editora Nave.

ⁱ Professor adjunto do curso de Alemão na UFSC desde 2019. É mestre em Informática pela UFPR e, posteriormente, migrou para as ciências humanas. Bacharel em Letras Português-Alemão pela UFPR (2014) com o trabalho “A reflexão tradutória de Johann Gottfried Herder. Estudo e antologia”. Em 2016, obteve o título de doutorado em Estudos Literários pela UFPR. E-mail:martineschen@gmail.com

ⁱⁱ Gordon Brotherston e Sérgio Medeiros organizadores da tradução do *Popol Vuh* para o português explicam a correta nomenclatura dessa figura mitológica. “Quetzal Serpente”, protótipo patente do Quetzalcoatl náuatle (personagem da segunda parte), é a tradução literal (pássaro-réptil) e, portanto, mais adequada de Qua Kumatz. Contudo, alguns tradutores e estudiosos usam “Serpente Quetzal”, invertendo a sequência das palavras. É uma figura dual que pode ser vista como conexão de mundos e união de opostos.